

DISCURSOS COM GAGUEIRA E FLUÊNCIA DE SUJEITOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA NAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO EM GRUPO DE EXTENSÃO/APOIO

DISCOURSES ON STUTTERING AND SUBJECTS FLUENCY: A DISCOURSE ANALYSIS ON THE CONDITIONS OF PRODUCTION IN AN EXTENSION/SUPPORT GROUP

Claudemir dos Santos Silva¹
Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo²
Dirce Jaeger³

RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupo. O trabalho aplicou-se em Grupo de Extensão/Apoio na UPE (Campus Garanhuns), como atenção básica à saúde e educação. Utilizamos, como marco teórico-metodológico, a Análise do Discurso (AD), fundada por Michel de Pêcheux, na França e, no Brasil, por Eni Orlandi e seguidores. A análise do *corpus* dos dois sujeitos/participantes do grupo foi realizada, tendo em vista as concepções teórico-metodológicas da AD. Tais discursos com gagueira e/ou fluência dos sujeitos se dão em seus respectivos contextos sócio-histórico-culturais.

Palavras-chave: Gagueira, Fluência, Condições de produção, Grupos de Extensão/Apoio.

ABSTRACT

The objective of this article is to investigate discourses with stuttering and fluency in the conditions of production of subjects in a group. The work was applied in an Extension/Support

¹Professor Formador I, Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa - modalidade EAD/UFRPE-UAEADTec - Programa Universidade Aberta do Brasil - UAB. Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). ORCID:<https://orcid.org/0000-0002-7198-1374>. E-mail: claudemirsilva711@gmail.com

²Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Doutora em Letras e Linguística (UFPB). ORCID:<https://orcid.org/0000-0001-6425-2846>. E-mail: nadiaazevedo@gmail.com

³Professora adjunta no curso de Letras, no curso de especialização em Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas e no mestrado profissional Profletras (UPE/Campus Garanhuns). Doutora em Linguística (UFPE). ORCID:<https://orcid.org/0000-0003-3377-7847>. E-mail: dirce.jaeger@upe.br

Group at UPE (Campus Garanhuns), as basic health care and education. We used, as a theoretical-methodological framework, the Analysis of Discourse (AD), founded by Michel de Pêcheux, in France and, in Brazil, by Eni Orlandi and followers. That is, the corpus analysis of the two subjects/participants of the group was carried out having in mind the theoretical-methodological conceptions of AD. Such discourses with stuttering and/or fluency of the subjects take place in their respective socio-historical-cultural contexts.

Keywords: Stuttering, Fluency, Conditions of Production, Outreach/Support Groups.

Introdução

Tendo-se em mente que o funcionamento discursivo não é unicamente linguístico, constatamos a partir dos estudos de Silva e Azevedo (2019), Silva (2021), que são as condições de produção (CP) que determinam, a partir do desempenho dos protagonistas, a caracterização do discurso dos sujeitos. Pode-se apresentar-se pela *relação de forças*, situação em que os interlocutores exercem seus lugares sociais, ocupando sua posição relativa no discurso; *de sentidos*, onde o que dizemos tem relação com outros dizeres e isto faz parte dos efeitos de sentidos de nossos discursos. E, por fim, a *antecipação*, capacidade que os sujeitos têm de representar a ele mesmo e ao outro no discurso. Nessas circunstâncias, na literatura de estudos da gagueira, de um lado, há tratados que se concentram nos aspectos biológicos, neurológicos e genéticos, mais especificamente, no sintoma do corpo de cada paciente, sua anatomia e fisiologia, determinando esta como uma patologia sem cura. Em contrapartida, existem postulações que se debruçam sobre os sujeitos em sua amplitude, não deixando de considerar a sua linguagem. Diante disso, debruçamo-nos em relação ao estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva, uma vez que o sujeito, a linguagem, bem como a ideologia, a história e os sentidos devem ser pensados em movimento. Assim, o objetivo deste artigo é investigar discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupo (SILVA; AZEVEDO, 2019; SILVA, 2021).

É no funcionamento discursivo, composto pelas formações imaginárias (Fim), atreladas às condições de produção (CP), que ocorre a instauração das formações ideológicas (FI), comportando as formações discursivas (FD) interligadas. Sendo assim, inferimos que a gagueira está relacionada ao espaço discursivo, onde as formações imaginárias, unidas às CP, com atuação de fatores *biopsicossociais*, constituem a FD de *sujeitos-gagos* e posição discursiva de *sujeitos-gagos*, produzida

tendo em vista a relação de forças, sentidos e antecipação e, como efeitos, temos a materialização de pausas, bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos (SILVA, 2021). Nesse contexto, o nosso trabalho aplicou-se em Grupo de Extensão/Apoio na Universidade de Pernambuco (UPE/*Campus* Garanhuns), como atenção básica à saúde e educação. Em vista disso, com toda certeza, “a integração entre ensino-pesquisa-extensão favorece a ampliação do trabalho acadêmico e aproxima a universidade da sociedade, além de ampliar o senso crítico e destacar o lado social da prática acadêmica” (SILVA; RESENDE, 2017, p. 37).

Para tal empreendimento, utilizamos, como marco teórico-metodológico, a Análise do Discurso (AD), fundada por Michel de Pêcheux, na França e, no Brasil, por Eni Orlandi e seguidores. Com isso, a análise do *corpus* dos dois sujeitos foi realizada, seguindo as concepções teórico-metodológicas da AD. A pesquisa foi de natureza qualitativa, porque viabiliza uma relação entre o mundo e os sujeitos envolvidos. Atrelado a isso, um estudo longitudinal, investigando um processo de mudanças ao longo do tempo. A partir disso, procedemos com os recortes discursivos eleitos, tendo em vista marcas linguístico-discursivas dos dois participantes. Na prática, pudemos notar pela sequência discursiva, acoplando o conjunto de recortes e segmentos discursivos dos sujeitos, nas circunstâncias de enunciação, apresentando discursos com gagueira e/ou fluência, quando, por exemplo, em suas formações imaginárias, vinculadas às condições de produção, fazem antecipação do outro, de que serão de alguma forma julgados, ou não, por seus pares discursivos. E, nesse enquadramento, buscamos apoiar, ressignificando e fortalecendo o processo de mudanças de atitudes, mostrando, por exemplo, que a fluência é disfluente, nas diversas situações discursivas em seus respectivos contextos sócio-histórico-culturais.

As condições de produção (CP) dos sujeitos: o funcionamento discursivo e as formações imaginárias (Fim)

O estudo da língua sob o aspecto discursivo está bastante difundido, e a AD, sendo uma dessas tendências, ficou conhecida como Escola Francesa de Análise do Discurso. Para sua criação na década de 60-70, Pêcheux ([1975] (1997)) realizou rupturas com as pesquisas estruturalistas que viam a língua apenas como um veículo para a comunicação, limitada em si mesma. A linguagem é mediadora indispensável entre o homem, o meio social e natural em que vive. Com isso, deve ser considerada

como método de interação. Logo, a AD, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. “Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia e curso, de percurso, de correr por, de movimento” (ORLANDI, 2013, p. 15). Pensando nisso, “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos (...)” (ORLANDI, 2013, p. 32). Na verdade, o discurso é/será determinado pela posição-sujeito, dada em uma posição ideológica e sócio-histórica também (ORLANDI, 2013, p. 43), porque, conforme Althusser (1985, p. 99), “o lugar desse sujeito já foi dado, ele já se inscreveu, há, portanto, uma predeterminação ideológica”. Com isso, o discurso possibilita formas de conhecimento em seu conjunto (ORLANDI, 2013) e na prática, concebe um acontecimento, evidenciando, então, “efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, ([1975] (1997))), uma vez que propõe a noção de funcionamento, isto é, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso).

Nessa perspectiva, a partir dos discursos de Leandro Ferreira (2005, p. 73), é preciso salientar que a concepção de linguagem que norteia a AD é a da psicanálise, onde o sujeito não é consciente e nem tem controle sobre o que diz, isto é, ele (o sujeito) *é clivado, assujeitado, desejante*. Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal como teoriza Althusser (1991), afirmando que esse processo é decorrente do assujeitamento ideológico. Nessa treliça, “quando o sujeito fala [...], ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 24), assim, achando que os sentidos estão nas palavras. Logo, apagando-se, suas formações imaginárias (Fim), pensando fazer desaparecer em suas condições de produção (CP), o modo pelo qual a exterioridade o constitui enquanto sujeito de seus discursos. Como resultado, em meio a essa tessitura, o funcionamento discursivo, não é unicamente linguístico, já que as condições de produção (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise. Portanto, as CP são Fim, onde se apresentam, de acordo com Orlandi (2011; 2015):

- 1) *A relação de forças* - os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa, marcando o discurso com a força da locução que este lugar representa. Logo, importa-se, por exemplo, se falamos do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho, dentre outros.

- 2) *A relação de sentido* - o coro de vozes, a intertextualidade, o vínculo que existe entre um discurso e os outros, onde o que dizemos tem relação com outros dizeres e isto faz parte dos efeitos de sentidos.
- 3) *A antecipação* - a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa.

Assim sendo, compreendemos que os dizeres, não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas (a situação, a exterioridade constitutiva). Essas condições de produção do discurso “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2013, p. 30-31).

Gagueira e fluência sob a perspectiva discursiva: uma relação direta com as condições de produção do discurso (CP) dos sujeitos

A temática da gagueira engendra polêmicas entre diferentes públicos, e ao longo da história, vêm ganhando sentido na sociedade e seus respectivos contextos. Em estudos recentes, Rocha (2012) informa que “5% da população apresenta gagueira em algum momento de suas vidas – isso representa quase dez milhões de brasileiros” (ROCHA, 2012, p.11). Nessa conjuntura discursiva, Azevedo (2019a), afirma, com dados atuais do IBGE, que este número supera a população das cidades do Rio de Janeiro e Brasília juntas. Conclui que a prevalência da gagueira é de 1% na população. Assim, cerca de 2 milhões e 100 mil brasileiros gaguejam de forma crônica. Este número é maior do que a população de Curitiba, Recife ou Porto Alegre. De certo, na vasta literatura fonoaudiológica, há grupos que pesquisam a origem da gagueira na Neurologia, Genética e Psicologia Social, porém, não será este o foco do nosso trabalho.

A perspectiva discursiva na relação com a gagueira foi idealizada por Azevedo (2000; 2006) e desenvolvida por outros pesquisadores (SILVA, 2013; CAVALCANTI, 2016; SILVA, 2016; 2017; 2019). Tratando-se, portanto, de um distúrbio da ordem do discurso, apresentando uma relação direta com os interlocutores, suas formações imaginárias (Fim), atreladas às condições de produção (CP), em suas relações de força, sentido e antecipação, com atuação de fatores *biopsicossociais*. Disso, constituem, então, a FD de *sujeitos-gagos* e posição discursiva de *sujeitos-gagos*, produzida tendo em vista as supracitadas relações e, como efeitos, temos a materialização de pausas,

bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos. Diante disso, por consequência, o *sujeito-gago* falará de uma forma ou de outra, dependendo do efeito que possa produzir em seu ouvinte. Constatamos, então, que os *sujeitos-gagos* para Azevedo (2013, p. 147) são aqueles “que apresentam, de antemão, *a certeza da gagueira* e que, antes mesmo de falarem, já estão certos de que a palavra será repetida, bloqueada, prolongada”. Pensar o *sujeito-gago* é refletir sobre uma proposta terapêutica que o tire deste lugar e o insira em outra situação de integração social: a de sujeito-fluente, considerando a fluência como relativa, porque não há fluência linear e é sempre relativa, tendo hesitações e repetições. Vale salientar que a gagueira é marcada pela previsão do *erro iminente*. Há uma certeza *a priori* deste *erro* e é a partir da possibilidade de errar que o *sujeito-gago* opta por tentar evitá-lo ou adiá-lo (AZEVEDO, 2000; 2006; 2013; 2018a).

Em meio a esse processo, é interessante entendermos, assim, que, por exemplo, *a fluência é disfluente*, porque a disfluência, curta ou longa, é parte integrante da fluência (FRIEDMAN, [2015] 2018c, s/p, grifos nossos). Nessas condições, Friedman ([2015] 2018c, s/p), explica que a gagueira se refere a momentos nos quais um falante sabe o que quer dizer, que palavras usar. Mas sente vergonha, medo, falta de confiança em sua capacidade de pronunciá-las fluentemente, apresentando características como: interrupções tensas do fluxo da fala ou travas, interposição de sons ou palavras desnecessárias, repetições do já dito (FRIEDMAN, 2004), daí, disfluência e gagueira são duas condições de fala bem diferentes. No uso atípico da linguagem, naquilo que poderíamos chamar de gagueira, há uma cobrança social no sentido de que devemos mostrar uma suposta fluência absoluta/ideal, sem deslizes, pausas e/ou hesitações. Entretanto, para Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012) “dentro do processo natural da linguagem, a fluência e a disfluência fazem parte da dinâmica da fala, devendo-se considerá-las todas como atividades da língua” (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 02).

A partir da problematização dos conceitos de fluência/disfluência, estabelecidos anteriormente, Fernandes-Svartsman e Scarpa (2012) endossam que nos estudos sobre a temática em debate, Scarpa (2007 p. 178) explica que mais do que dizer de uma fala fluente ou disfluente, assume-se que esses fenômenos indicam diferentes relações do sujeito com a língua, pois ambos são partes do funcionamento da fala, já que estão presentes em falas gagas e não gagas. Nas palavras da autora, “a mesma língua ou as

relações do sujeito com a mesma língua que gera(m) a fluência, a gramática, gera(m) também a disfluência, o lapso”, mas não provocam o mesmo efeito em um – efeito de fala gaga - e em outro – efeito de fala não gaga (SCARPA, 2007 p. 178). Nesse sentido, quando consideramos a gagueira pelo caminho discursivo, pode-se vê-la, “como um *distúrbio multidimensional* com atuação de *fatores biopsicossociais*”, pois temos um sujeito advindo do meio social, cujos momentos de gagueira estão vinculados a tais fatores” (AZEVEDO, 2019a, p. 119). Acerca disso, Silva (2013) afirma que um distúrbio “trata-se de uma interrupção de uma continuidade (da fala), assim, o sujeito que gagueja é fluente e apresenta momentos de gagueira e não o inverso” (SILVA, 2013, p.15).

Aspectos metodológicos: o percurso da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Sala de leitura do Curso de Letras, onde funciona o Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso, Unidade Acadêmica da Universidade de Pernambuco (GEPAD/UPE- Garanhuns), localizada na Rua Capitão Pedro Rodrigues, nº 105, São José-Garanhuns/PE, no qual desenvolvemos as atividades no Grupo de Extensão/Apoio. Sobre a constituição deste grupo, esclarecemos que a segunda coautora deste trabalho (à época nossa coorientadora de doutorado), da referida IES, fez chamada no *site*, bem como colagem de cartazes, em postos de saúde, prefeitura e contatos na mídia impressa e digital. Visávamos informar à comunidade sobre o início dos trabalhos. Logo, dois rapazes entre 18 e 29 anos, realizaram inscrições através do e-mail: apoiogrupo.garanhunspe@gmail.com. E atenderam aos seguintes critérios: a) participar das sessões do grupo que ocorreriam sempre aos sábados das 13h às 15h (mensalmente), entre março a dezembro de 2019, totalizando assim, doze (12) reuniões; b) ser de faixa etária acima de 18 anos e c) aceitar livremente a participação na pesquisa e assinar o termo de livre consentimento e aceitação (TCLE).

Na medida em que aconteceram, as sessões foram gravadas em áudio. De posse desse material coletado, procedemos com transcrições das falas dos sujeitos e fizemos o registro textual escrito/digitalizado (*corpus* empírico), com posterior análise do discurso dos participantes. Além disso, esclarecemos, ainda, que por ter passado pelo processo de vivência da gagueira, o pesquisador (à época doutorando) esteve apto a conduzir o trabalho, “podendo ser uma pessoa que gagueja [...]” (ABRAGAGUEIRA, 2018, s/p).

Nesse contexto, realizamos uma pesquisa qualitativa, porque “observa o fato no meio natural [...], defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” (ANDRÉ, 2008, p. 17). Atrelado a isso, um estudo longitudinal (prospectivo e/ou retrospectivo), propiciando uma sequência temporal para estudar um processo ao longo do tempo, investigando mudanças (HOCHMAN *et al*, 2005).

Esclarecemos que a pesquisa faz parte do projeto intitulado: *Aquisição e distúrbios de Linguagem sob a ótica linguístico-discursiva*, submetido e aprovado sua execução pelo CEP/UNICAP, de acordo com o Parecer Nº: 2.926.024 – CAAE: 94030818.2.0000.5206 (sob a coordenação da primeira coautora, à época nossa orientadora de doutorado). A seguir, trataremos de analisar o *corpus* do trabalho, composto por sequência discursiva, organizando o conjunto dos recortes discursivos, que estão expostos na tabela, apresentando os sujeitos da pesquisa investigados (**Caio e Davi**), que, por questões éticas, receberam tais nomes fictícios, respeitando, com isso, a privacidade dos participantes. Já os pesquisadores (**P**) e os números complementares, a tais sujeitos, são os segmentos discursivos, isto é, cada momento de fala dos sujeitos/participantes, **marcados em negrito**, o que nos parece mais evidente. Por fim, ainda quanto às considerações éticas, como já afirmado, utilizamos nesta pesquisa/estudo, o TCLE. Para tanto, toda leitura precisa de um instrumento teórico-metodológico para que se efetue, e à luz da AD, pudemos constituir o *corpus* discursivo que nos levou à eleição do recorte discursivo da pesquisa e posterior análise com base nos procedimentos do próprio artefato teórico-metodológico (ORLANDI, 1996).

Quadro 1- Discussão

UPE/Campus Garanhuns
<p>P. [...] Nesse Grupo de Extensão/Apoio, vamos trazer as situações discursivas, através da família, universidade, trabalho. Procurando analisar as situações em que eu sou mais fluente ou gaguejo mais. [...] Ah, lá nos seminários eu não consigo dizer tal palavra. Sim, [...] por que eu consigo falar aqui e lá não falo? Então, se fosse algum problema, alguma doença, você não falaria lá e não falaria aqui, estão entendendo?</p> <p>Caio 1. <i>Se fosse algo físico.</i></p> <p>P. Exatamente [...].</p> <p>Davi 1. <i>Quando eu começo a gaguejar vem o nervosismo, porque eu fico pensando.</i></p> <p>P. Esse nervosismo vem de quê, Davi? Quais são formações imaginárias?</p> <p>Davi 2. [...] <i>É uma espécie de medo, porque quando você começa a gaguejar.</i></p> <p>P. Medo do quê ou de quem?</p> <p>Davi 3. <i>Acho que do julgamento alheio [...] de repente, eu travar numa palavra e eu olhar assim e ver todo mundo olhando pra mim, esperando eu continuar. Aí, eu digo meu Deus,</i></p>

eu estou sendo pressionado para continuar.

P. [...] esse julgamento alheio, será que a gente nunca parou para pensar que pode está vindo da nossa parte? [...].

Caio 2. Sim, muitas vezes somos nós quem cooperamos mais.

Davi 4. [...] Assim, no dia a dia, as outras pessoas que queiram ajudar e acabam atrapalhando, quando dizem: respire fundo, fale com calma, fale devagar, [...], fazendo com que você gagueje de novo e às vezes quando essas pessoas riem, é horrível quando elas riem, [...].

P. Mas elas podem estar rindo por qualquer outra coisa, daí, imaginamos que seja por conta da gagueira, estão entendendo? [...].

Davi 5. Sim, sim. No final, eu já andei percebendo, já retomando os degraus interiores das conversas que a preocupação em gaguejar era tão grande que acabava sendo o meu maior problema [...]. Mas eu tinha um pavor muito grande de ir pra sala de aula, de gaguejar e eu não sabia lidar com isso, eu tinha muito medo. [...], aí, eu disse: gente desculpe, eu sou gago! Aí, um aluno disse: você é gago? Eu não sabia, não parece. E eu, nossa, não acredito!

P. Tá vendo, uma previsão sua, eles não estavam julgando nada, né?

Caio 3. Praticamente em cem por cento agora com ela, com a psicóloga e outras situações de fala, é controlado, por ser apenas eu e ela, pelo profissionalismo dela e até por ela estar ali em busca de me ajudar, [...].

P. [...] Será que não está prevendo, antecipando alguma coisa que não existe da parte dela?

Caio 4. Não, eu creio que não, [...], com a minha fonoaudióloga também, [...] é até um pouco mais, [...], que ela tenta adivinhar as minhas falas e completa, aí, eu fico mais tenso. Eu não entendo isso, eu até penso de questionar ela. No início, eu até pensei que ela de certa forma, estivesse me testando, pra ver se, digamos assim, eu ia me impor, né? Mas não, ela tem uma personalidade que assim, no primeiro dia, ela me lembrou a Dilma, é um pouco firme, aí, eu bloqueio mais ainda.

P. É péssimo, né? E aí, você tente dizer isso pra ela.

Caio 5. É, eu vou tentar [...], mas frente a qualquer outra pessoa, até mesmo você, que a meu ver, na verdade, pra mim é um ex-gago [...].

P. Você é um sujeito polido, educado. Então, saberá com jeito dizer: olha, não é isso não, me deixa só terminar de dizer à palavra que eu desejo [...].

Caio 6. Entendo. O que sempre me incomodou, principalmente, agora, é perceber que de certa forma a gagueira, nada mais é basicamente do que um certo sentimento de inferioridade comparado com qualquer pessoa, é principalmente, com pessoas que representam qualquer tipo de autoridade, mesmo sendo colegas, médicos, pessoas de um grupo de ajuda que estão buscando ajudar [...]. Só que acaba que estando frente a essas pessoas, dentro de mim, em minha mente, sei lá em que parte, acaba gerando uma desorganização, não respirando bem, isso causa a não fluência.

P. Então, quando eu começo de alguma forma prever, [...] vem à gagueira [...].

Caio 7. É, prova disso é que não temo conversar só, quando falo só, canto, quando falo com criança e animais, não gaguejo, quando leio em voz alta, [...]. É se perceber muito sensível ao outro, percepção muito inferior ao outro mesmo, com essa minha idade já é péssimo!

P. Porque você ficou fazendo previsão, de certa forma você achou que aquelas pessoas ali iriam julgar, discriminar você.

Caio 8. [...], simplesmente por serem pessoas, assim, externas, tipo, aqui mesmo, eu não tenho percebido nenhum tipo de previsão, preocupação referente ao que você vai pensar, ou que você vai concluir [...]. É uma questão mesmo como eu, consciente ou inconsciente, me vejo e, principalmente, como é que eu vejo o outro [...] as situações [...] É um temor constante.

P. [...] Você disse que com a sua mãe a sua fluência tem se consolidado, sempre foi assim com ela?

Caio 9. *Sempre foi assim, instável, era por ela ser minha mãe e tudo mais, eu sempre esperei ter mais fluência, coisa que não acontecia há algum tempo atrás, isso me intrigava mais.*

P. E por que isso não acontecia?

Caio 10. *[...] Eu fico intrigado, por isso, eu não via, assim, uma explicação lógica. [...], mas ela é, de certa forma, protetora, mas alguns tempos eu tenho passado por alguns embates com ela. [...], delimitar o meu espaço, se posicionar em relação a ela. Eu creio que isso ajudou.*

Davi 6. *Agora, por que em certas situações sim e em outras não?*

Caio 11. *Porque eu tenho mais foco em mim, uma exigência maior com a fala.*

P. Esse é o problema, ter foco em você, ser exigente consigo mesmo.

Davi 7. *Uma coisa que eu acho que eu to adquirindo no meio desse processo pessoal é a famosa cara de pau, estou começando a ficar a vontade em qualquer canto, conhecendo ou não as pessoas [...]. Porque eu reconheço muito que das vezes que eu gaguejo, é muito da expectativa que eu penso que o outro tá tendo, se eu estou suprindo ou não essa expectativa.*

P. E muitas vezes, esse outro não tá nem aí, são unicamente projeções, formações imaginárias nossas.

Caio 12. *[...] uma grande exposição de mim, de minha condição por muito tempo, e eu sei que seria muita energia para poucos chutes, [...], eu estando com mais fluência e em situações variáveis, mais favoráveis, foi até uma de eu ter, assim, exposto [...], mas aquela sensação de ser enfadonho, sensação não, perceber mesmo o desconforto neles, mesmo eles sendo solidários.*

P. [...] você fala isso, exemplifica e às vezes têm razão, [...] Pode ser uma hipótese a ser comprovada, mas também pode não ser.

Fonte: Elaborado pelos autores

O Grupo de Extensão/Apoio revela-se como um espaço de diálogos entre os seus participantes, podendo trazer as situações discursivas, através da família, universidade, trabalho, onde ora nos mostramos fluentes ou gaguejamos mais. “[...] Ah, lá nos seminários eu não consigo dizer tal palavra. Sim, [...] por que eu consigo falar aqui e lá não falo? Então, se fosse algum problema, alguma doença, você não falaria lá e não falaria aqui, estão entendendo?” Às palavras iniciais do pesquisador, no encontro do dia 16 de março de 2019, fazem com que o sujeito **Caio**, nessa sequência discursiva I, no segmento discursivo **1**, entenda: “**se fosse algo físico**”, certamente, para aqueles que compreendem a gagueira como uma questão patológica, o problema revelar-se-ia como incapacidade e/ou impossibilidade em todas as situações de fala. Isto é, quando vemos sob essa ótica, há um *doente* em um estado incurável, irreversível. Mas, essa questão, não é tarefa fácil, por isso, é comum os debates acontecerem. Por isso, é que, ao estudarmos a gagueira sob o enfoque discursivo, asseveramos que nossas formações imaginárias, por exemplo, em suas antecipações/previsões, vinculadas às condições de produção, quer dizer, ao estarmos diante de outros sujeitos podem ocasionar a gagueira,

tendo como caracterização, pausas, bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos. Essa realidade pode ser constatada nos próximos segmentos, em que o sujeito **Davi 1**, vai discorrendo discursivamente: **“quando eu começo a gaguejar vem o nervosismo, porque eu fico pensando”**. E, quando perguntado pelo pesquisador de onde viria o nervosismo, quais são suas formações imaginárias, explica, **Davi 2: “é uma espécie de medo, porque quando você começa a gaguejar”**. Indaga uma vez mais o pesquisador: *“medo do quê ou de quem?”*. Complementa, **Davi 3: “acho que do julgamento alheio [...] de repente, eu travar numa palavra e eu olhar assim e ver todo mundo olhando pra mim, esperando eu continuar**. Aí, eu digo meu Deus, **eu estou sendo pressionado para continuar”**. Nessas condições, Friedman ([2015] 2018c, s/p) explica que a gagueira, “refere-se a momentos nos quais um falante sabe o que quer dizer, que palavras usar, mas sente vergonha, medo, falta de confiança em sua capacidade de pronunciá-las fluentemente”.

Compreendemos, com isso, que o outro pode estar olhando para o sujeito e nem estar preocupado com a sua gagueira. Nas situações sociais e discursivas, as formações imaginárias, vinculadas às condições de produção são um terreno fértil para que haja a predominância de pensamentos como: está olhando para mim; porque eu não vou conseguir; parece que não está com muita disposição para me ouvir. Então, são antecipações, previsões dos sujeitos e, nessas, tanto os olhares como as palavras podem enganar. Por isso, não devemos ter tanta cobrança em relação às situações discursivas, consigo mesmo e nem com os outros. Quando convidado a pensar sobre o julgamento alheio, uma vez que esse pode estar vindo da nossa parte, de imediato, o sujeito **Caio 2**, responde: **“sim, muitas vezes somos nós quem cooperamos mais”** e complementa o sujeito **Davi 4: “assim, no dia a dia, as outras pessoas que queiram ajudar e acabam atrapalhando, quando dizem: respire fundo, fale com calma, fale devagar, [...], fazendo com que você gagueje de novo e às vezes quando essas pessoas riem, é horrível quando elas riem, [...]”**, ou seja, “dizer de diferentes maneiras produz diferentes sentidos, estabelece diferentes referências imaginárias” (LAGAZZI, 2015, p. 78). Esse *julgamento* pode estar vindo da nossa parte. O outro pode não estar interessado em emitir juízos de valor, porque alguns entendem que o mais importante no processo de interlocução é nos fazermos entender e mesmo que gaguejemos, estarão atentos ao conteúdo que estamos verbalizando. Se o problema for o riso, elas podem

estar rindo por qualquer outra coisa, daí, imaginamos que seja por conta da gagueira. A grande questão é que, muitas vezes, por exemplo, na posição discursiva de *sujeito-gago*, “quando o sujeito fala [...], ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas”, assim, achando que os sentidos estão nas palavras (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 24).

Ainda, na mesma sequência discursiva, em análise, quando concorda com o que é posto por **Caio**, salienta também o sujeito **Davi 5**: “sim, sim. No final, **eu já andei percebendo, já retomando os degraus interiores das conversas que a preocupação em gaguejar era tão grande que acabava sendo o meu maior problema [...]. Mas eu tinha um pavor muito grande de ir pra sala de aula, de gaguejar e eu não sabia lidar com isso, eu tinha muito medo. [...], aí, eu disse: gente desculpe, eu sou gago! Aí, um aluno disse: você é gago? Eu não sabia, não parece. E eu, nossa, não acredito!**”. As condições de produção caracterizam o discurso. E a antecipação trata-se de uma das formas de apresentar-se em nossos dizeres. Conseqüentemente, sendo a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa, “o sujeito experimenta o lugar de seu ouvinte a partir do seu próprio lugar” (ORLANDI, 2011, p. 126-158). Com essa atitude, ao acreditar que estaria sendo supostamente *julgado* por seu interlocutor, essa previsão o *prende* na posição discursiva de *sujeito-gago*. Por outro lado, na situação dos protagonistas, temos a relação de forças, mais uma maneira de constituir os discursos e sobre isso, na reunião do dia 18 de maio de 2019, temos **Caio 3**, que ao declarar: “**praticamente em cem por cento agora com ela, com a psicóloga e outras situações de fala, é controlado, por ser apenas eu e ela, pelo profissionalismo dela e até por ela estar ali em busca de me ajudar, [...]**”. Parecendo-nos que quando traz os termos “**é controlado**”, supostamente, o sujeito estaria exigindo um controle, policiando-se: ah, preciso ser fluente; eu não posso gaguejar! Será que na verdade, nessa situação de ambiente controlado para ele (o sujeito), por prever/antecipar a gagueira ficaria mais evidente? Na relação de força, o lugar é marcado pela autoridade nas instâncias sociais e, no caso, na leitura desse sujeito, a psicóloga estaria ocupando uma posição discursiva de alguém que iria *cobrar* alguma.

E quando perguntado, será que não está prevendo, antecipando alguma coisa que não existe da parte dela? Esclarece, **Caio 4**: “**não, eu creio que não, [...], com a minha fonoaudióloga também, [...] é até um pouco mais, [...], que ela tenta adivinhar as**

minhas falas e completa, aí, eu fico mais tenso. Eu não entendo isso, eu até penso de questionar ela. No início, eu até pensei que ela de certa forma, estivesse me testando, pra ver se, digamos assim, eu ia me impor, né? Mas não, ela tem uma personalidade que assim, no primeiro dia, ela me lembrou a Dilma, é um pouco firme, aí, eu bloqueio mais ainda". A relação de forças são os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa, marcando o discurso com a força da locução que este lugar representa (ORLANDI, 2015). Na prática, quando demarca em suas palavras, ficar/estar mais tenso, explicamos que para ele (**Caio**), quando está diante de sua fonoaudióloga, é porque ela representa uma posição discursiva de força, poder, autoridade, semelhantemente, à ex-presidente Dilma Rousseff. Nessa relação, os momentos discursivos em que tentam adivinhar ou completam a fala dos *sujeitos-gagos* torna-se algo desagradável, que acaba atenuando a sua *imagem estigmatizante de falante*, levando-os a acreditarem que não tenham capacidade para verbalizar as palavras. No entanto, "não existem estudos sobre as características da fala humana no que se refere a padrões de fluência e disfluência em diferentes faixas etárias" (FRIEDMAN, 2018d, s/p). Por isso, no grupo é orientado, entre outras coisas, como pontua o pesquisador, que quando acontecer, expliquem que não o façam, mas esperem que concluam suas falas. Na maioria das vezes, tanto a família, como àqueles que estão mais perto, o fazem querendo ajudar. Mas se há algo que nos incomoda, então, precisamos esclarecer.

Há casos, também, por exemplo, que estamos prestes a usar marcadores linguísticos do tipo: *bom, é, assim*, buscando, com isso, uma palavra para inserirmos no processo de interlocução. Por conseguinte, no momento em que completamos, nada mais são do que tentativas para ajudar, pois as palavras parecem que nos *fogem em* dados momentos. E não por vermos incapacidade, impossibilidade quando surge a gagueira na fala, pelo contrário, quando completamos é no sentido de podermos ajudar.

De posse dessas orientações, o sujeito **Caio 5**, a seguir, nos segmentos discursivos, reconhece: "**é, eu vou tentar [...], mas frente a qualquer outra pessoa, até mesmo você, que a meu ver, na verdade, pra mim é um ex-gago [...]**". Dessa maneira, quando os sujeitos falam, acentuam suas formações imaginárias, fazendo aparecer as condições de produção do seu discurso, delimitando, assim, como já afirmamos, que é a exterioridade que constitui o sujeito de seus discursos.

Além disso, na mesma sequência, quando **Caio 6**, vai reafirmando: **“entendo. O que sempre me incomodou, principalmente, agora, é perceber que de certa forma a gagueira, nada mais é basicamente do que um certo sentimento de inferioridade comparado com qualquer pessoa, é principalmente, com pessoas que representam qualquer tipo de autoridade, mesmo sendo colegas, médicos, pessoas de um grupo de ajuda que estão buscando ajudar [...]. Só que acaba que estando frente a essas pessoas, dentro de mim, em minha mente, sei lá em que parte, acaba gerando uma desorganização, não respirando bem, isso causa a não fluência”**. Aponta-nos, assim, que todas essas conjunturas sociais/discursivas, desencadeadas pelo emaranhado de relações descritas pelo sujeito, é consequência de suas formações, dadas as condições, percebendo que a gagueira lhe traz sentimento de inferioridade, porque em sua posição discursiva de *sujeito-gago* existe a busca por uma fluência absoluta/ideal, *“mas a fluência deve ser compreendida como relativamente disfluente”* (AZEVEDO, 2006, p. 01, grifo nosso). Por isso, ao comparar-se com outros sujeitos, que ocupem as mais diversificadas posições-sujeitos, revela-se como inferior. Nesse sentido, importa-se, por exemplo, se falamos do lugar de presidente, ou de professor, ou de pai, ou de filho etc (ORLANDI, 2015). E a partir de dada formação, é que temos uma tensão refletida no corpo, que, entre muitos efeitos, gera desorganização, não respirar bem e a falta de fluência.

No contexto social, a antecipação é muito frequente entre aqueles que ocupam a posição discursiva de *sujeitos-gagos*. Os tais, nesse ato de prever, experimentam a posição dos seus pares e antecipam-lhes as respostas. E na sequência em análise, através de **Caio 7**, comprovamos: **“é, prova disso é que não temo conversar só, quando falo só, canto, quando falo com criança e animais, não gaguejo, quando leio em voz alta, [...]. É se perceber muito sensível ao outro, percepção muito inferior ao outro mesmo, com essa minha idade já é péssimo!”**. Dessa maneira, a gagueira está no outro, logo, há um deslocamento da posição de sujeito falante para *sujeito-gago* ou silenciado, como efeito de falar a um certo ouvinte (AZEVEDO, 2006, grifo nosso). Disso, quando começamos de alguma forma a prever, vem a gagueira, mostrando-se como algo atípico, *anormal*, um *erro* no processo de linguagem frente aos interlocutores. Mas para Scarpa e Fernandes-Svartsman (2012) “dentro do processo natural da linguagem, a fluência e a disfluência fazem parte da dinâmica da fala, deve-se

considerá-las todas como atividades da língua”(SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 02).

Acredita-se que, possivelmente, há sujeitos que irão julgá-lo, discriminá-lo. Em seu entendimento, o sujeito **Caio**, responde no segmento discursivo **8**: “[...], **simplesmente por serem pessoas, assim, externas, tipo, aqui mesmo, eu não tenho percebido nenhum tipo de previsão, preocupação referente ao que você vai pensar, ou que você vai concluir [...]. É uma questão mesmo como eu, consciente ou inconsciente, me vejo e, principalmente, como é que eu vejo o outro [...] as situações [...] É um temor constante**”. Dessa maneira, ao pensarmos o sujeito através da psicanálise, inferimos que “a hipótese do inconsciente produz uma divisão do sujeito, que fica seccionado entre sua intencionalidade consciente e seu dizer inconsciente, [...] entre o que se diz e o que se pensa ou se almeja dizer” (MALISKA, 2017, p. 70). Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal processo é decorrente do assujeitamento ideológico (ALTHUSSER, 1991). Portanto, em toda situação de linguagem, o sujeito e a situação contam fundamentalmente para a AD. Mas esse sujeito e tal situação são redefinidos discursivamente como partes das CP do discurso, sua exterioridade (ORLANDI, 2015).

Como já marcado, algumas vezes, ao longo dessa sequência discursiva I, as condições de produção (situação dos protagonistas), são formações imaginárias que constituem o discurso, onde se apresentam a relação de forças (ORLANDI, 2011). No tocante a essa questão, no encontro do dia 08 de junho de 2019, através dos próximos segmentos discursivos, após **Caio 9** ser indagado sobre a fluência estar se consolidando com sua mãe, ele explica: “**sempre foi assim, instável, era por ela ser minha mãe e tudo mais, eu sempre esperei ter mais fluência, coisa que não acontecia há algum tempo atrás, isso me intrigava mais**”. Além disso, **Caio 10**, complementa: “**eu fico intrigado, por isso, eu não via, assim, uma explicação lógica. [...], mas ela é, de certa forma, protetora**, mas alguns tempos eu tenho passado por alguns embates com ela. [...], **delimitar o meu espaço, se posicionar em relação a ela. Eu creio que isso ajudou**”. Passamos a entender que, quando nascemos, somos jogados no seio da família, que dissemina dizeres de uma *ideologia do bem falar*, reforçando uma suposta fluência absoluta, ideal, que não existe. Com isso, podemos evidenciar que tal relação entre mãe e filho, muito provavelmente, foi atravessada ao longo do tempo, por discursos em que

a forma protetora de sua mãe agir, causava-lhe (em **Caio**) momentos marcados com menos fluência e mais gagueira. Mas o que tem ajudado no processo de concretização da fluência é nessa relação de forças, ele (o filho) tem procurado delimitar o seu espaço, posicionando-se em relação a sua mãe. E, como efeitos, “a forma do dizer, o significativo é a base sobre a qual os sentidos se produzem, em diferentes condições” (LAGAZZI, 2015, p. 78). Interessado com a questão posta, nessa sequência em análise, o sujeito **Davi**, no segmento discursivo **6**, interroga: “**agora, por que em certas situações sim e em outras não?**”. Essa possibilidade de reflexão proposta em grupo leva-nos a perceber que quando experimenta a antecipação, na prática, **Caio 11**, reconhece: “**porque eu tenho mais foco em mim, uma exigência maior com a fala**”, quer dizer, coloca-se na posição de seu interlocutor experimentando essa posição e *antecipando-lhe a resposta* (ORLANDI, 2015, grifo nosso).

De tanto pensarmos, anteciparmos, imaginarmos, prevermos em relação aos outros, se estão prestando atenção na gagueira e/ou que iremos gaguejar, por consequência, teremos a gagueira. E ela (a gagueira) será vista como *erro*, pois há uma cobrança social no sentido de que devemos mostrar uma suposta fluência absoluta/ideal, sem deslizos, pausas e/ou hesitações. Essa situação é resultado da imagem que estamos fazendo de nós e/ou do outro: “*ah, está olhando para mim; eu vou gaguejar*”. Nessas situações, *a previsão do erro eminente*, como uma formação imaginária, é rápida, automática e quando vemos, já foi ou está prestes a acontecer à gagueira.

No entanto, talvez, o que venha fazer a diferença nas diversas instâncias sociais/discursivas, seja o fato de começarmos a pensar sobre o porquê e em quais situações gaguejamos e/ou somos mais fluentes. Desse modo, o esclarecimento em relação aos conceitos de fluência/disfluência é decisivo, visto que as expectativas da finalização do processo terapêutico têm relação com a noção de fluência/disfluência (AZEVEDO, 2000; 2006; 2013; 2015; 2018a). Portanto, “o desafio é, então, abordar os dois conceitos, em princípios opostos e conflitantes, como faces da mesma moeda” (SCARPA; FERNANDES-SVARTSMAN, 2012, p. 01).

Debruçarmo-nos sobre as questões pontuadas, no dia 06 de julho de 2019, pode levar-nos à não estarmos fazendo previsões e, também, a compreensão de que não existe fluência absoluta/ideal, como percebe **Davi 7**: “uma coisa que eu acho que eu to adquirindo no meio desse processo pessoal, é a famosa **cara de pau, estou começando**

a ficar a vontade em qualquer canto, conhecendo ou não as pessoas [...]. Porque eu reconheço muito que das vezes que eu gaguejo, é muito da expectativa que eu penso que o outro tá tendo, se eu estou suprindo ou não essa expectativa”. Porque uma questão é quando riem e declaram abertamente que o motivo seja a nossa gagueira. Já outra coisa é estarmos *presos* em nossas formações imaginárias e com o riso do outro, dizermos: *ah, ele está rindo porque eu estou gaguejando*. Fato esse, que podemos presumir, em 05 de outubro de 2019, no segmento discursivo **12**, do sujeito **Caio**, quando declara: **“uma grande exposição de mim, de minha condição por muito tempo, e eu sei que seria muita energia para poucos chutes, [...], eu estando com mais fluência e em situações variáveis, mais favoráveis, foi até uma de eu ter, assim, exposto [...], mas aquela sensação de ser enfadonho, sensação não, perceber mesmo o desconforto neles, mesmo eles sendo solidários”**. Parece-nos que tal justificativa é dada unicamente pelo próprio sujeito e não teríamos um interlocutor, julgando-o pela gagueira. Mas, tão somente, sua antecipação, previsão, estaria trazendo prejuízos a ele.

Considerações finais

No processo de funcionamento discursivo, produzimos discursos de acordo com os efeitos que desejamos causar nos interlocutores. Isto é, falamos a partir da concepção que temos do outro e da *posição-sujeito* que ocupam na sociedade. Em vista disso, inferimos que a gagueira está relacionada ao espaço discursivo, no qual o sujeito é fluente e gagueja em determinadas circunstâncias enunciativas. Por isso, trata-se de um distúrbio da linguagem, uma interrupção no fluxo contínuo da fala e, como efeitos, temos a materialização de pausas, bloqueios, hesitações e/ou prolongamentos no processo discursivo. Nesse sentido, como já foi dito, ao longo deste artigo, as formações imaginárias, atreladas às condições de produção (circunstância de enunciação e contexto sócio-histórico, ideológico), constituem a posição discursiva de *sujeito-gago*, produzida tendo em vista a *relação de forças*, situação em que os interlocutores exercem seus lugares sociais, isto é, de fato, ocupam sua posição relativa no discurso; *de sentidos*, onde o que dizemos tem relação com outros dizeres e isto faz parte dos efeitos de sentidos de nossos discursos e a *antecipação*, capacidade que os sujeitos têm de representar a ele mesmo e ao outro no discurso. Diante das questões argumentadas, é

interessante destacarmos que há momentos em que gaguejamos mais e outros não, com a evidência de pausas, prolongamentos, bloqueios e/ou hesitações.

Como resultados, entre os efeitos de sentido, notamos pela sequência discursiva, por meio dos seus respectivos recortes discursivos, que os sujeitos, nas circunstâncias de enunciação, apresentam discursos com gagueira e/ou fluência, quando, por exemplo, em suas formações imaginárias, vinculadas às condições de produção, fazem antecipação do outro, de que serão de alguma forma julgados, ou não, por seus pares discursivos. Tais questões puderam ser constatadas, quando em nosso objetivo, procuramos investigar discursos com gagueira e fluência nas condições de produção de sujeitos em grupo. Nesse contexto, na prática, pudemos notar que os sujeitos: **Caio e Davi**, nas circunstâncias de enunciação, apresentavam discursos com gagueira, quando em suas formações imaginárias, vinculadas às condições de produção, faziam antecipação do outro, de que seriam de alguma forma julgados.

Nesse sentido, na relação de forças, os sujeitos mencionaram o medo das mães e/ou profissionais de saúde **Caio** e professores e/ou alunos **Davi** devido à força e autoridade que há nessa formação. Sobre discursos com fluência, o sujeito **Caio** expôs que não gaguejava quando estava com animais, crianças, falando só, ou cantando. De modo geral, em dadas condições de produção, podemos afirmar que, em suas formações imaginárias, na relação de forças, sentido e antecipação, os sujeitos também expuseram que a gagueira tinha relação com o nervosismo (**Davi**). Diante de tudo, pudemos perceber, também, que o grupo oferece aos participantes um espaço de convivência e inclusão social, nos quais os sujeitos podem enfrentar suas dificuldades linguístico-discursivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem, como, por exemplo, a conversa sobre fatos de sua vida cotidiana, podendo nos mostrar que seus discursos não se apagam frente aos problemas (AZEVEDO, 2018a).

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE)*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud: introdução crítica-histórica*. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmaso Afonso. *Etnografia da prática escolar*. 15. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. *Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua*. Dissertação. (Mestrado em Fonoaudiologia). PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2000.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. *A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia*. Tese. (Doutorado em Letras e Linguística). UFPB - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Uma análise discursiva de sujeitos com gagueira. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise. (org.). *Gragoatá* (UFF), v. 02, p. 145-166, 2013. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/56>. Acesso em: 10 set. 2015.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Um estudo da gagueira sob a perspectiva discursiva. *Revista Prolíngua*, v. 10, n. 1, jan/fev, p. 209-220, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/27599/14838>. Acesso em: 28 maio 2017.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Uma análise discursiva de sujeitos com afasia e gagueira. *Revista Linguagem & Ensino* (UCPel), v. 21, p. 433-463, 2018a. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/1672>. Acesso em: 17 abr. 2018.

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. Disfluências. In: FERREIRA, Thiago. *Manual Prático dos Distúrbios da Comunicação Oral no Adulto e Idoso*. Ribeirão Preto, SP: Booktoy, p. 119 a 127, 2019a.

ABRAGAGUEIRA. *Grupos de Apoio*. 2018. Disponível em: <http://www.abragagueira.org.br/gruposdeapoio.asp>. Acesso em: 15 jan. 2018.

CAVALCANTI, Maria do Carmo Gomes Pereira. *O trabalho linguístico-discursivo em um grupo de estudos e atendimento à gagueira infantil (GEAGi) com pais de crianças identificadas como gags*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco, 2016.

FRIEDMAN, Silvia. Fluência: um acontecimento complexo. In: FILHO, Otacílio Lopes. (ed.). BEFI-LOPES, Debora M.; FERREIRA, Lésle Piccolloto; LIMONGI, Suelly Cecilia Oliven. (org.). *Tratado de fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Rocca, 2004.

FRIEDMAN, Silvia. *A Gagueira e o mito da fluência absoluta*. Publicado na Revista Pátio - nº 74 - ano XIX maio/julho 2015. Disponível em: https://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_mito_fluencia_absoluta.php. Acesso em: 31 out. 2018c.

FRIEDMAN, Silvia. *Gagueira e subjetividade*. Disponível em: https://www.gagueiraesubjetividade.info/gagueira_subjetividade.php. Acesso em: 31 out. 2018d.

HOCHMAN, Bernardo. *et al.* Desenhos de pesquisa. *Acta Cirúrgica Brasileira*, v. ol 20 (Supl. 2) 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502005000800002. Acesso em: 05 nov. 2016.

LAGAZZI, Suzy. Texto e autoria. *In: LAGAZZI, Suzy. Análise do discurso e o texto nos estudos da linguagem*. 3 ed, Campinas, SP: Pontes, p.77-78, 2015.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 2000.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Linguagem, ideologia e psicanálise. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 01, p. 69-75, Jun., 2005. Disponível em: <http://estudosdalinguagem.cpelin.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/10/16>. Acesso em: 24 jul. 2014.

MALISKA, Maurício Eugênio. A voz: um corpo que não engana. *In: FLORES, Giovanna G. Benedetto. et al. (org.). Análise do discurso em rede: cultura e mídia*. v. 3, Campinas, SP Pontes, p. 50-70, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso. *In: LAGAZZI, Suzy; ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). Discurso e textualidade*, 3 ed, Campinas, SP: Pontes, p. 13-76, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise do Discurso: três épocas. *In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Unicamp, p.311-312, [1975] 1997.

SILVA, Larissa Petrusk Santos. *Uma análise linguístico-discursiva de sujeitos que gaguejam participantes de terapia fonoaudiológica em grupo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Recife: UNICAP, 2013.

ROCHA, Eliana Maria Nigro. *Informações básicas – gagueira*. Instituto Brasileiro de Fluência, 2012. Disponível em:

http://www.gagueira.org.br/arquivos/Eliana_Maria_Nigro_Rocha.pdf. Acesso em: 09 ago. 2015.

SCARPA, Ester Mirian. (Ainda) sobre o sujeito fluente. *In: LIER-DE-VITTO, Maria Francisca. (org.). Sobre a aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo, PUC, p. 178, 2007.

SCARPA, Ester Mirian; FERNANDES-SVARTSMAN, Flaviane. A estrutura prosódica das disfluências em português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, n. 1, Campinas, SP. Jan./Jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636969/4691>. Acesso em: 17 abr. 2018.

SILVA, Claudemir dos Santos. *A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira: uma análise discursiva*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências da Linguagem). UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco, 2016.

SILVA, Claudemir dos Santos. AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves. O processo de mudança de posição de sujeito-gago para sujeito-fluente: uma análise discursiva em grupo de apoio no Recife. *In: CAIADO, Roberta. et al. (org.). Linguagem e interdisciplinaridade: diferentes gestos de interpretação*. São Paulo: Pá de Palavra, 2019.

SILVA, Thais Leal; RESENDE, Gisele Silva Lira. A docência no ensino superior: ensino, pesquisa e extensão. *Revista FACISA On-line*. Barra do Garças – MT, v. 6, n. 2, p. 32-46, jul-dez, 2017. Disponível em: <http://periodicos.faculdadecathedral.edu.br/revistafacisa/article/viewFile/219/157>. Acesso em: 15 jun. 2019.

Recebido em 12/02/2023.

Aprovado em 12/05/2023.